

# Só aperto em 92 fará purgatório compensar

**Marcos Magalhães**

Identificado pelo presidente Fernando Collor como um ano de sacrifícios, 1992 deverá se converter em uma espécie de "purgatório" que o País terá de enfrentar antes de retomar o crescimento econômico. Esta é a expectativa de assessores econômicos do Palácio do Planalto, para quem o período de privações só levará à retomada da economia se for acompanhado de uma conjuntura internacional favorável e de absoluta austeridade nos gastos públicos.

"O ano que vem tem que ser um purgatório que valha a pena", afirma um assessor do presidente Fernando Collor, preocupado com os efeitos sociais da recessão implantada pelo governo. "Não há como escapar do ajuste da economia, que é absolutamente necessário, mas será mais necessário do que nunca se esforçar para errar o menos possível", observa.

Por errar menos, o assessor do Palácio do Planalto entende utilizar da melhor maneira possível cada centavo arrecadado pelo Tesouro Nacional, o que implica em manter um severo controle sobre os gastos públicos. Segundo levantamentos em poder de assessores do Presidente, recursos para a área social existem, mas são em boa parte desperdiçados pela própria burocracia oficial.

Na frente externa, restaria ao governo torcer por um 1992 pouco afetado pela desaceleração econômica. Os indicadores, porém, são pouco animadores. Técnicos da Presidência da República recordam que a recessão dos Estados

Unidos tende a se aprofundar em 1992. Além disso, especula-se sobre os efeitos da integração europeia sobre o comércio mundial.

As dificuldades internas e externas levam os planejadores do governo a encarar 1992 com ceticismo e, principalmente, a ver com cautela a promessa oficial de garantir a volta da prosperidade em 1993. "A gente pode fazer força, mas é difícil prever se 1993 será realmente um ano bom", confessa um assessor do Palácio do Planalto.

Ele recorda que, tecnicamente, não se pode inventar o crescimento da economia. O País só conquistará o crescimento possível, de acordo com as previsões do Palácio do Planalto, depois de atravessar um duro período de ajuste. Ao contrário da promessa de melhores dias para 1993, porém, os técnicos recordam que do "purgatório" do ano que vem não nascerá necessariamente um "paraíso" daqui a dois anos.

Como argumento em defesa do governo, os assessores lembram da própria seriedade do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, que teria a vantagem de ter liberado o País do fantasma de novos choques e congelamentos.

O saneamento da economia, na sua opinião, não é uma opção, mas uma necessidade do governo. Para crescer pelo menos um pouco em 1992, afirma ele, o País deverá contar com a "invenção" de recursos por parte do Governo Federal. Para isso, não só terão de ser cortados todos os gastos supérfluos da máquina federal como o governo precisará torcer por uma conjuntura internacional razoavelmente favorável em 1992.